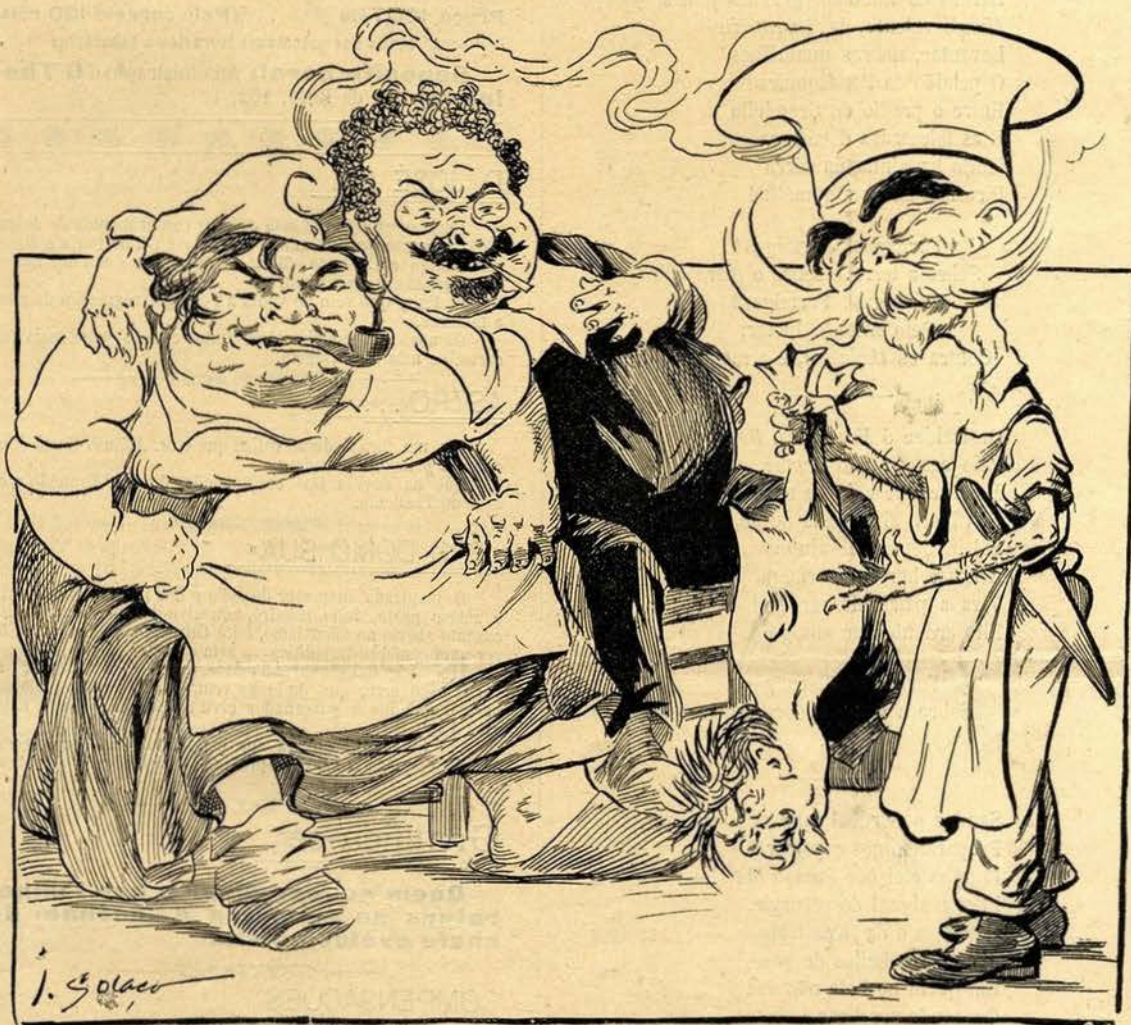




LISBOA, 30 de Julho de 1914

O CORDEAL COZINHEIRO



J. Golaco

O PATRÃO: — Então como vaes fazer esse páto ?

O COZINHEIRO: — De «scevolada» com archote e tudo...

HYMNO

DOS

Cavalleiros do Rhodam



Heroes do Rhodam, grandes pilhas
Mundo valente, da Sementeira
Levantae, nobres quadrilhas
O pendão da Panasqueira!
Entre o predio do Grandella
E as falcatruas d'Ambaca
Muito ha ainda na sacca
P'ra nos fartar a gamella!

Formigas! Formigas!
Sobre a terra e sobre o mar!
Formigas! Formigas!
Pelo Affonso lutar,
Contra os thalassas, e a matar!

Desfraldae o Mundo e o Povo
Pelo caso de São Thomé,
Mostrae que hoje de novo
O Affonso ainda está de pé,
Sol immenso que alumia
A nossa heroica Formiga
Viva a patria da barriga!
Fito ardente que nos guia.

Formigas! Formigas!
Sobre a terra e sobre o mar
etc.

Saudae o Cordeal, que manobra
Preparando-nos o porvir
Com as eleições—nossa obra!—
Para o signal de resurgir.
Cacetada e da mais forte
São nossos beijos de pae
Em quem no bote não vae
Querendo-nos tirar a sorte!

Formigas! Formigas!
Sobre a terra e sobre o mar
etc.

RAINHA AUGUSTA VICTORIA

E' com a mais viva satisfação que podemos noticiar não terem qualquer gravidade os boatos que correram sobre a doença da Rainha Senhora Dona Augusta Victoria. Sua Magestade encontra-se, felizmente quasi restabelecida.

O maior successo dos ultimos tempos!

O sr. Bernardino Machado nunca existiu

Por CRISPIM

2.ª EDIÇÃO

Aumentada com uma nota-appendice, intitulada

O quadro do sr. Baeta

Preço 100 réis (Pelo correio 120 réis)

A' venda nas principaes livrarias e tabacarias

Deposito geral: Administração d'O Thalassa, Rua da Rosa, 162, 1.º

D. JOSÉ GIL

Honrou este jornal com os seus cumprimentos de despedida, o nosso querido amigo sr. D. José Gil de Borja e Menezes, antigo e distincto official de cavallaria e um dos nossos correligionarios mais illustres.

S. Ex.ª, que veiu de visita a Portugal, regressou de novo a Londres.

Os nossos agradecimentos, juntos com os votos mais sinceros, de uma feliz viagem.

ASTRO . . .

Diz um jornal democratico que o sr. Affonso Costa é um astro de primeira grandeza.

Não ha duvida. Das constellações do João Brandão e do José do Thelhado.

«PRO DOMO SUA»

O inspirado inspector do sello e dos impostos em Leiria, e zeloso poeta, Julio Ribeiro, adhesivo de fresca data, com o assento aberto no affonsismo, foi à Guarda, sua terra natal, fazer uma conferencia politica... sem caracter partidario!

O mimoso funcionario do fisco, tomou para thema da sua parlada o erro, que de longe vem, de não serem escolhidos para deputados e governador civil da Guarda, pessoas naturaes d'ali.

... Julio, apresenta a sua candidatura a deputado pelo circulo d'aquella cidade nas proximas eleições e

E. R. M.

Gratifica-se

Quem souber dizer a que temperatura se encontra o «cachão» do chefe evolucionista.

COMPENSAÇÕES

O sr. Brito Camacho, resolveu apoiar o governo na lei eleitoral.

Andou bem. Appoiá o sr. Camacho o sr. Bernardino, e este, em troca dá-lhe membros para o futuro Congresso. Ficam ambos contentes.

ACORDA ZÉ!

Viram? Viram bem o que se tem passado no Congresso, n'estes ultimos dias? Analysaram-nos bem? Estão identificados? Pois porque a falta de espaço e o *adeantado da hora* (como costuma dizer-se nos jornaes diarios) nos não permite mais largas referencias n'este numero, no proximo nos referiremos ao assumpto com a attenção que merece.

Povo portuguez! Accorda!

A MORTE DO MAU LADRÃO

Por Gomes Leal

Não é facil tarefa a de emitir com segurança uma opinião critica a respeito de qualquer trabalho litterario cuja auctoridade provenha de mestres consagrados como Gomes Leal. É que, em presença de um monumento de arte cuja belleza nos deslumbra, a intelligencia quasi se paralysa na perplexidade de profanar com uma exclamação porventura descabida ou insufficientemente lisongeira, a superioridade do genio que o traçou. E o ultimo livro de versos do grande convertido que se chama Gomes Leal é bem um monumento que ha de perdurar com altiva galhardia atravez de todas as intemperies da nossa historia litteraria e por sobre todas as más vontades que pretendam ingloriamente amesquinhar-lhe o merito.

Gomes Leal, todos o sabem, é um mestre. Os seus versos, de uma vivacidade e d'uma perfeição inexcelsiveis, são sempre um acontecimento na vida litteraria de Portugal, porque são sempre tambem uma affirmação admiravel de genio e um triumpho de incontestada superioridade.

O seu ultimo livro a que nos referimos *A mor e do mau ladrão*, é simplesmente uma preciosidade.

Ha alli, n'aquellas estrophes tão sentidas, como vehementes de santa indignação toda a energia de um temperamento revoltado, todo o vergastar implacavel de uma consciencia que condemna o crime e a mentira para só se inspirar no Bem e na Verdade, todo o vibrar de uma alma que, odeia os vendilhões da sua Patria, dardejando sobre quantos a insultam, as flechas hervadas do desprezo, marcando a fogo o ferret da traição sobre o arco-boço d'essas figuras sinistras que symbolizam para o Poeta a devassidão e a pequenez, o odio miseravel e a deshonra d'uma nacionalidade inteira.

A morte do mau ladrão visa sobretudo a despertar a alma nacional aparentemente adormecida pela cobardia ou pelo commodismo.

Os seus versos, ora magistraes de sarcasmo, ora soberbos de realismo, são como pregões de Verdade lançados por uma colosso que se ergue de latego em punho no meio de uma Patria intoxicada pela embriaguez de todos os vicios, derrancada pela corrupção do deboche, enlameada por toda uma immensidade de vergonhas que a reduziram ao estado comatoso em que se tem, a aguardar parvamente as agonias da morte.

Alviçaras

Dão-se, boas, a quem indicar onde para o archote com que o sr. Antonio José d'Almeida ia incendiar a alma das multidões.

AS PORTAS...

Desde muito pequenino,
De manhã té horas mortas,
Quando a vida ia n'um sino,
N'um infantil desatino,
Sempre ouvi fallar em portas.

A' mamã dizia o pae:
Tu parece não te importas,
Olha que isso bem não vae,
Se essa *gordura* não sahe
E' p' rigo passar as Portas.

A porta é uma abertura,
E no Mundo ha tantas portas
Que prendem e dão soltura,
Que até chega a ser tortura,
Quando ouço fallar em portas.

Se alguém está mal a valer
Dizem estar da morte das portas;
P'ra não pagar, quem dever
Porta-falsa sempre hade ter;
E' tudo questão de portas...

Quem é porta sempre leva...
Ou pesca... sem ter anzol,
Vê-se livre d'uma treva,
A penuria não conserva,
E passa is Portas do Solt!

Joga de porta o gajão
Até nas simples conversas
De formiga a tubarão
Passa logo de gangão,
Passa por portas travessas!

Quem precisa trabalhar
Quem co'a massa não se corta,
Passa a vida a implorar;
E a pedir sem cessar,
Já bate de porta em porta!

Agora, qualquer fabiano,
Quando com pismo o apodam
De q'rer ser rico n'um anno,
Grita-lhe o povo—tyrano
Vae já p'rás Portas de Rhodam!

FREI LOURENÇO.

«SIGNAL DOS TEMPOS»

N'um julgamento no tribunal marcial, um sargento, que responde como testemunha ao interrogatorio do promotor de justiça, insinúa com ufania ter sido quem denunciou o facto que se discute, o qual descobriu por ter *espreitado!*

Bem podia o promotor de justiça, um official superior, ter dado ao seu subordinado uma lição de boa educação militar, advertindo-o de que um sargento não *espreita* nem denuncia, mas *vê e dá conhecimento* aos seus superiores hierarchicos do que vê e constitua infracção da lei, quando pela mesma lei não tenha de proceder de outra forma.

Mas, o promotor... não reparou!

Que tristeza! *Espreitar e denunciar*, por parte d'um membro graduado do exercito, é materia corrente. Não é cousa em que se repare!

Verdadeiro regimen de fichas!

O LEANDRO

Que vae ser posto em liberdade no dia 8, por meio de indulto, afirma o *Intransigente*.

Se assim for, achamos bem, porque o repugnantissimo assassino tem tanto direito de andar à solta como outros collegas d'elle, egualmente assassinos.

O Rodrigues, por exemplo.

ONDE ESTAMOS NÓS?

Ha tempo, já sob o regimen luminoso, em Setubal, no quartel de infantaria 11, um alferes foi agredido traiçoeiramente pelas costas, por um aspirante; recebeu um ferimento na cabeça e é levado sem sentidos para o quarto do official de inspecção, onde lhe são prestados os primeiros socorros. Deuse este incidente na sala dos officiaes, e durante o tempo em que ella é mais frequentada. Procedimento algum houve contra o aspirante, por se lhe reconhecer a qualidade de republicano, e o official ser suspeito de thalassa.

Agora, em conselho de guerra, foi discutida uma causa, que em poucas palavras se resume no seguinte:—Durante um exercicio de uma fracção de infantaria 34, em Atalaya de Alemquer, um tenente advertiu um aspirante da inconveniencia de estar chalaceando com outras praças de pret de menor graduação. Tanto bastou para que o aspirante se insubordinasse contra o official, respondendo-lhe em termos desabridos, e o offendesse corporalmente fazendo-o cair com um empurrão. Na audiencia foram lidos por deprecada varios depoimentos de accusação cerrada aos factos imputados ao reu. O promotor de justiça pediu para o accusado a condemnação respectiva, *attenuada pelas suas qualidades de bom republicano*. O aspirante insubordinado foi absolvido.

No mesmo dia, no tribunal marcial foram julgados dois conspiradores marca *Homero, Sevola e Costa*. Contra um d'elles prova alguma testemunhal se produziu; e a respeito do segundo, apenas uma testemunha fez referencia á compra de um revolver. Ambos foram condemnados a penas maiores.

Não será isto o Egypto... antes do chocolate?

RAINHA AUGUSTA VICTORIA

Retratos e postaes

Está quasi exgotada a edição do retrato de Sua Magestade a Rainha Augusta Victoria trajando á moda do Minho.

O acolhimento que teve a iniciativa d'O Thalassa e ainda as repetidas instancias que nos foram feitas n'este sentido, levaram-nos a reproduzir em postaes o retrato da Augusta Soberana, trabalho este que puzemos á venda por preço ao alcance de todos.

Cada postal, lindamente impresso a 3 côres, custa apenas 40 réis. Pacotes de 25 postaes para propaganda, 800 réis. Os retratos de Sua Magestade continuam á venda pelo preço de 60 réis.

Satisfazem-se na volta do correio todos os pedidos, que podem ser feitos á Administração d'O Thalassa, rua da Rosa, 162, 1.º D.—Para a provincia acresce o porte do correio.

RÉUS

Lia-se n'um jornal da manhã sob a epigraphe *O caso da Panasqueira*, que tinham respondido na Boa-Hora os seus protagonistas, sendo o Carapau condemnado em prisão correccional e multa.

Só o Carapau! Então o sr. Alexandre Braga?

PREPARAR PARA MONTAR . . .



O CONDESTAVEL:—Anda, enxota as «formigas» e levanta o cavallo, porque se o deixas morrer, que contas darás á Historia ?

Quadros da minha terra

(5.º QUADRO)

Os annos da Néné

II

Já não faltava ninguém. A Marianna, com as faces muito vermelhas de aldeã forte e sadia, appareceu com o seu avental branco bordado, tezo na gomma que o lustrava, annunciando que o jantar estava *prantado* na mesa.

O sr. senador sorriu d'aquelle vocabulario ingenuo e disse baixinho ao Baptista: «E' uma mulheraça desempenada, hein!» — e piscava o olho pardo que luzia cubicozo. Ao passar pela moçoila beliscou-lhe a coxa esquerda fazendo-a soltar uma praga que foi abafada pelo arrastar das cadeiras em volta da mesa festiva do jantar.

Os guardanapos em leque erguiam-se dos copos dando um tom de gala empachada. No prato da Néné estava um estojo pequenino. Era um anel com uma folhinha comprida tendo ao centro dois diamantes e uma saphira.

Ao pé do estojo, encostado ao copo da agua, um bilhete de visita do sr. senador, escripto a lapis: «Offerta do teu paé Augusto».



Tinha sido uma surpresa. A Néné beijou muito o seu progenitor, e o anel andou de mão em mão, muito remirado, n'uma louvação unanime de bom gosto do sr. senador. «*Chic de um cri dernier*» disse o Alvarinho.

As manas Pimentas tambem elogiaram muito, pisando o pé uma á outra, n'uma troca occulta.

A canja estava quente. Todos sopravam com appetite, fallando pouco. O sr. senador occupou a canecceira, dando a direita ao coronel Guerra, militar reformado e surdo, que contava proezas de Napoleão, em voz de commando. O sr. Rodrigues ficou entre a tia Conceição e a D. Maria da Graça, senhora respeitavel, viuva d'um antigo deputado da maioria no tempo dos progressistas.

Serviram-se as almondegas, quando bateram forte na campainha. Eram a D. Eduarda, o menino Raul e a Bibi. Todos se levantaram n'uma gargalhada confusa.

A Bibi, de cor de rosa viva, impertigou-se n'uma cadeira grande, esticando as luvas de algodão branco, enquanto o Raulinho nos seus irrequietos e esperançosos treze annos, de «bonet» de pãla enterrado até ás orelhas largas e pendentes, batia com a bengalinha de castão de prata, na gaiola do pintasilgo, que esvoaçava de encontro ás grades.

A D. Eduarda, reprehendeu-o: «se não tinha vergonha d'aquelles senhores» — e compoz-lhe o laço escarlate com pitinhas brancas, que fechava o collarinho á *mamá*. O Raulinho metteu um d-dô no nariz e deixou-se cair sobre o sophá de molas, balançando o corpo magro.

A conversa animou-se. Fallaram do tempo e das modas; da sem-saboria de Lisboa no verão, com um calor suffocante.

—Que falta de gente conhecida, meninas, por essas ruas — ponderou a D. Eduarda.

O sr. senador concordou e, todos em côro, lamentaram a falta de «gente fina, conhecida, distincta», que havia n'esta estação. O sr. Rodrigues sorriu desdenhosamente e, n'uma entonação forte, affirmou que «a massa bruta que produz a vida honesta da cidade não a tinha abandonado, porque as bagas do magro suor quasi não chegavam para pão, quanto mais para arejamentos *praxanos* e campinos». E n'um arranço de oratoria sublime, chegou á conclusão de que os «povos trabalhadores, estão na razão inversa dos refrescamentos aristocraticos». Ninguém percebeu nada, mas todos murmuraram: «muito bem, sr. Rodrigues, muito bem».

O sr. senador segredou ao ouvido do coronel Guerra: «é uma pena aquelle homem não ser deputado, porque é um Cicero, hein?» — e palitou um dente.

Tinham chegado á sobrezeza. Uma travessa enorme com arroz doce, surgiu triumphal sobre a toalha. O sr. senador levantou-se a limpar os beiços: «Não podia deixar de, em simples e desprezenciosas palavras agradecer a comparsencia cariubosa e amiga das pessoas que o honravam acompanhando-o no anniversario natalicio de sua filha Néné. Por isso, bebia á saude dos presentes, desejando-lhes muitas venturas e felicidades».

Todos ergueram os copos: «Senhora D. Néné, por muitos annos» — berrou o coronel; «Amorzinho, á tua», — disseram as manas Felix — «de quem mais sabes» — acrescentaram em voz baixa. A Néné agradecia commovida.

O Alvarinho tambem bebeu á saude da mana, levantando-se e indo abraça-la muito requebrado, com o monocolo pendente a bater nos botões do collete cor de amarello torrado. O sr. Baptista proferiu umas palavras de jubilo e homenagem, em tom menos revolucionario do que o costume, attendendo ao conforto intimo do seu repleto abdomen; e as saudes prolongaram-se a todos os parent-s e conhecidos, amigos e indifferentes, n'um escorropichar de copinhos do Porto barato. O Raulinho muito vermelho, com o guardanapo atado ao pescoço embutiou o terceiro prato de arroz doce, bebericando á sucapa pelo copo do coronel.

Bateram de novo. A Néné teve um estremoção, farejando campainhada conhecida e terna. Era o Damião Flores muito gracioso, com a cabelleira luzidia de pomada, formando risco ao lado, scintillando na farda azul com botões doirados de aspirante do marinha.

Cumprimentou em volta da meza, distribuindo elegantes apertos de mão. Curvou-se respeitoso ante o sr. senador a quem apresentou os seus cumprimentos de parabens. Ao Alvarinho deu uma bofetadinha de confiança amiga, e, um terno e apaixonado aperto de mão á Néné dos seus sonhos.

Amavam-se havia dois mezes.

O Damião tinha sido apresentado á Néné pelo entrudo, n'uma *soirée* em casa da Felix. Ficou fazendo parte dos *intimos* que jogavam ao domingo á noite o lóto em casa do sr. senador. Ali, n'aquella mesa da casa do jantar, tinh nascido o amor da Néné, n'uma noite em que elle quinára tres vezes seguidas e lhe pisára o pé sem querer.

O papá, sabia, e não levava a mal, apesar de gostar mais de um primo cadete que devia hordar uma quinta e inscripções, de uma tia velha. A Néné, como boa filha, hesitava, entretendo ambos, para o caso de falha; mas o seu coração penidia, com uma ternura violenta, para o Damião. Fitava-o horas seguidas na ancia de lhe absorver o *airoso porte de salista*, como dizia a tia Conceição.

Tomados os ultimos goles de café, a D. Natividade achou melhor que os cavalheiros fóssem até á sala, para se poder levantar a mesa.

Seguiu-se então um grande reboliço, enquanto as meninas se beijavam nas faces de um escarlate roxo. O sr. senador, sollicito, recommendou á esposa que não esquecesse de dar á rapariga vinho fino e doce — e seguiu para a sala, enfiando o braço no do Baptista, segredando: «Você já reparou na moçoila que eu cá tenho? E' de estalo, hein?»

(Conclue no proximo numero).

PERGUNTAS INNOCENTES

Levado da breca aquelle *Revolucionario*, órgão dos authenticos carbonarios que fizeram a revolução de 5 d outubro (bem empregado tempo!) d'onde transcrevemos estas *perguntas innocentes*:

—Será verdade que se movem altos empenhos para abafar um escandalo cometido da Escola Profissional onde é directora uma senhora democratica e protagonista seu irmão, obrigando-se as mães d'algumas educandas a retirar d'ali suas filhas?

—Será possivel saber-se quem foi que, alcançando papel timbrado do gabinete do ministro dos estrangeiros, dirigiu aos plenipotenciarios acreditados em Lisboa, convites para assistirem ao lançamento da pedra do tumulo de Buica e Alfredo Costa?

—Seria por esse facto que o chefe do governo solicitou ca Associação do Registo Civil, adiamento *sine die*, d'aquella manifestação?

—Que missão desempenhou o agente de policia *Sota da Praça* no estrangeiro, d'onde regressou ha pouco?

—Porque será que o môcho de S. Roque tanto se revolta agora contra a policia que agrediu a *fo-miga* no largo de Camões, e nunca protestou contra as aggressões, feitas pela mesma, em diversos operarios?

—Será verdade que o *rendez-vous* da *formiga branca* passou a ser na redacção do pasquim do môcho de S. Roque?

—Será verdade que um dos presos no Alfeite, como implicados no fabrico de moeda falsa, tambem possuia um cartão da *policia reservada*, de Daniel Rodrigues, ex-governador civil de Lisboa?

—Para que seria que uns individuos pertencentes ao grupo França Borges, desejando fallar ao presidente do ministerio (de noite), usaram do expediente de se dizerem enviados especiaes do embaixador do Brazil?

—Qual será o ministro da republica que, quando da morte do rei D. Carlos, manifestou *muito interesse* em possuir um caracol do seu cabelo, para pôr n'um anel, como recordação da sua estima e amisade?

Todas de primeirissima ordem, mas esta ultima dos *formigas* com bandeiras azues e brancas, é muito illucidativa.

Alérta!



Foi ha dias preso pela policia á porta da Brazileira e conduzi-do ao xadrez, sendo em seguida solto em attençao á sua elevada categoria, por dirigir chufas ás senhoras que passavam desprotegidas de paes ou de irmãos, um filho do presidente do ministerio.

Se o engraçado *sinhô moço* tivesse aproveitado a folhear o *Manual de João Felix Pereira*, o tempo que malbaratou a ler as *Manas de um pae*, do papa, é de crer que não lhe tivesse succedido aquelle precalço.

... Que afinal, tudo foi reinação!...

O *Chico das Pegas* concorre a uma vaga de assistente do *bi-beron*.

O *Pintor*, o *Zé da Escada* e o *Petiz das Gravalas* não concorrem ainda d'esta vez.

Já passava de um mez que Sua Dengosidade tinha avaliado a força do regimen pela promptidão com que o governo se recompozera, quando conseguiu collocar a pasta da justiça!

Até góra só tinha encontrado cordeaes recusantes. Houve mesmo um de bom gosto, que veio expressamente do Porto para lhe dar o não, *ali... á preta*, mesmo na bochechinha.

Urbaninho, o distincto parlamentar, já tem dois sobretudos; se um lindo, o outro mais.

... Aquelle José Clemente é um grande artista!...

O *ex-formiga branca* Mesquita, que vem fazendo curiosissimas revelações *n'á Vanguarda*, diz que, quando o general sr. Jayme de Castro, depois de preso e agredido pelas *formigas*, em lugar de outro individuo do mesmo nome, esperava no gabinete dos secretarios do mano Daniel, que chegasse o official de igual patente que o havia de acompanhar ao Castello, ouviu ruido de muitos passos na arcada, o que o fez suppor que um grupo de officiaes fosse tirar um desforço contra os que haviam vezado o seu collega. Que ingenuidade!... P'ra *formiga* talvez seja forte de mais!

Estão sendo restauradas a sala do throno e a sala de musica do Palacio de Queluz.

Parece que será este palacio a residencia de verão preferida por Sua Dengosidade quando assumir a presidencia da republica, depois de purificado nas aguas lustraes do Rhodam.

O cidadão Lourenço de Loureiro, conspicuo vendedor de viverses a retalho e vereador do Pelourinho, em homenagem á *Intangível*, a *mina basilar* que tão bons milhares de contos tem rendido para a voracidade insaciavel dos *tubarões* e para lançar mais uma pásada de terra sobre o cadaver do Catholicismo, propoz que fossem substituidos os nomes das ruas de S. Vicente á Guia e de S. Lazaro.

Vae na peugada do 92 das sombrinhas. D'aqui a pouco está empresario arrebitado do Campo Pequeno.

O tribunal de Hamburgo fixou a Jurisprudencia de que os negros devem ser tratados por tu. Já fica sabendo o da *enseada azul*.

Huerta, o ex-dictador do Mexico, depois de encravar os seus amigos, deixou-os, e embarcou para a Europa com 30 milhões de francos, ou sejam 6.000 contos de réis, na algebeira.

Veremos depois, para onde se safam os nossos *Huertas*, e saber-se-ha a *bagagem* que levam... se não a tiverem mandado adiante, e na grande velocidade, por causa das moscas.

O Porto vae ter a *rua do Buica* e a *rua do Costa*. A'cerca da identidade do primeiro homenageado não pode haver duvidas. Pelo que respeita ao segundo é indispensavel que se esclareça a qual dos Costas se refere: se ao regicida do Terreiro do Fago, se ao Costa de Ambaca, das binubas, do predio do Grandella e de outras conhecidas tramoias.

Que o mundo civilisado tenha a noção nitida e clara do heroe das sympathias da laboriosa capital do norte.

Proseguem, mas muito lentamente, os trabalhos das ruinas, da iniciativa de Sua Intellectual Seberencia, no local da igreja e convento das Francezinhas.

Depois de concluidas, devem ficar umas ruinas muito interessantes e fazendo com a *passarelle-lérrasse* do Estoril um attraente *pendant* para a fomentação do turismo.

O dr. Sergio Varanoff, com o seu aturado estudo e repetidas experiencias, chegou a conclusão de que se pode transformar um cretino n'um homem intelligente enxertando-lhe a glandula thiroidea de um macaco.

—Bestabão, Urbaninho, Nónes, Faustino, porque vos não sujeitais ao tratamento? Vamos! Coragem! Lembrai-vos de que na tendes a perder, e de que tudo quanto vier é ganho.

Nos Estados Unidos da America do Norte, o ministro da marinha e o do interior, imputau-se mutuamente a *gaffe* do convite á Suissa para enviar navios, que a representem, na festa da abertura do Canal do Panama.

Parece que o governo helvetic responderia não poder aceitar o convite por não ter marinha.

O que é certo, porém, é que a republica-modelo d'onde o sr. Junqueiro foge, não pode concorrer a demonstrações navaes por ter o seu almirante em Lisboa, os ordens do sr. Costa d'Ambaca.

Uma mobilia que no anno passado foi transportada de Cintra para o Funchal, sem previo consentimento do dono, e com o pretexto de servir a um alto funcionario do estado, ainda não voltou para o continente.

O alto funcionario afinal não foi, mas a mobilia foi e por lá ficou, naturalmente por causa de alguma ribeira brava de passar... para o lado de cá.

O deputado Carvalho, o destemido cabo de guerra que commandou a brilhante retirada das tropas leaes na tarde de 4 de outubro, não chegou a fazer a sua estreia como orador parlamentar por lhe não terem posto ao lado um chefe de estado maior que lhe preparasse o improviso com que tencionava estarrecer os seus el-itores.

Ja em 4 d'outubro a sua unica exigencia, para suffocar a gloriosa revolução, era um chefe de estado maior, mas d'essa vez foi satisfeito.

«JORNAL DA NOITE»

Iniciou a sua publicação na passada segunda-feira, este novo jornal da noite, dirigido pelo nosso amigo e illustre jornalista, sr. Rocha Martins, a quem cumprimentamos pelo seu regresso á imprensa monarchica.

O *Jornal da Noite* que se apresenta muito bem redigido, prestava no seu 1.º numero homenagem a Suas Magestades El-Rei e o Senhor D. Manuel e á Rainhá Senhora Dona Augusta Victoria, inserindo tambem valiosa collaboração politica.

Ao nosso novo collega, apresenta *O Thalassa* as suas affectuosas saudações.

Album dos presos políticos

Por absolutamente falta de espaço somos forçados mais uma vez a re-tirar já depois de composta a pagina do nosso «Album» que publicaremos no proximo numero.

HORA LEGAL

Pergunta-nos um leitor porque é que o relógio da *hora legal*, que está no Caes do Sodré, se escangalhou logo, não funcionando ha mais de 15 dias.

Ora porque havia de ser?! Então ha alguma coisa legal que possa viver n'esta terra!...

Usem a Agua do Monchão da Povoá
No tratamento das doenças de pelle.

Theatros

COLYSEU DOS RECREIOS—A magnifica companhia Garamba continua em pleno successo. As enchenes repetem-se todos os dias, manifestando-se cada vez mais vehemente o entusiasmo despertado pelas soberbas representações que alli se estão dando, e em cujos programmas tem figurado as mais notaveis composições do mundo musical. O desempenho merece todos os elogios, pois os consagrados artistas da companhia são de uma impecabilidade tecnica raras vezes observada no nosso meio theatral.

Hoje realisa-se a festa de homenagem á graciosa atriz comica Stefí Csillag com um programma surprehendente.

Animatographos

Os melhores e melhor frequentados:

Terrace — Rua Antonio Maria Cardoso — Olympia — Rua dos Condes — Salão da Trindade — Rua da Trindade — Central — Praça dos Restauradores.

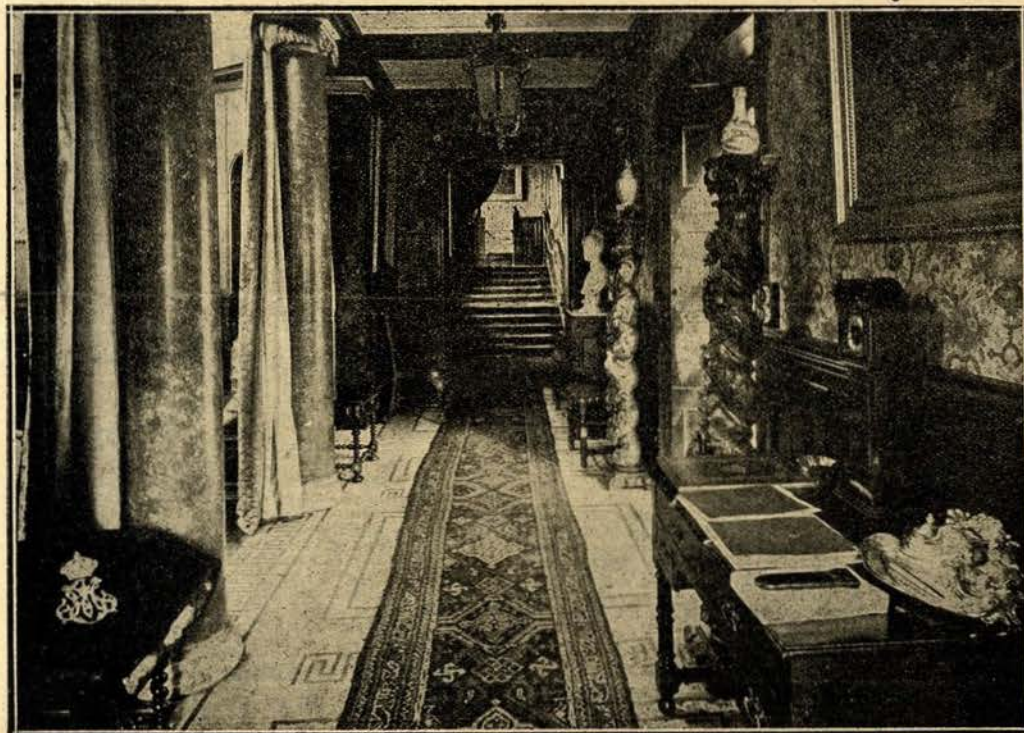
EL-REI NO EXILIO

IV

Palacio de Fulwel Park



Fachada do palacio, do lado dos jardins



Hall de entrada e escada que dá acesso ás salas. A' direita a estufa photographica